



## ***COVID-19, desastre do sistema de saúde no presente e tragédia da economia em um futuro bem próximo.***

*Pedro Lemos (1), Naumar de Almeida-Filho (1) & Josélio Firmo (1).*

### *ARTIGO ORIGINAL*

#### **Resumo**

Crises anteriores mostraram como um colapso econômico tem consequências terríveis para a saúde pública. Mas na pandemia de COVID-19, o mundo está entrando em território desconhecido. Os líderes do mundo devem se preparar para preservar a saúde. A pandemia do COVID-19 é, antes de tudo, uma crise de saúde. No entanto, está rapidamente se tornando econômico também. Esta não é, obviamente, a primeira crise econômica global. No entanto, desta vez é diferente.

**Keywords** *Coronavírus, Covid-19, Pandemia, Transmissão, Wuhan, China, Italia, Espanha, Estados Unidos, SARS-CoV-2, Saúde Pública, Crise Econômica.*



## **COVID-19, health system disaster in the present and economic tragedy in the very near future.**

Previous crises have shown how an economic collapse has dire consequences for public health. But in the COVID-19 pandemic, the world is entering unknown territory. World leaders must prepare to preserve health. The COVID-19 pandemic is, above all, a health crisis. However, it is quickly becoming economical as well. This is obviously not the first global economic crisis. However, this time is different.

**KEY WORDS:** Coronavirus, Covid-19, Pandemic, Transmission, Wuhan, China, Italy, Spain, United States, SARS-CoV-2, Public Health, Economic Crisis.

**Instituição afiliada:** 1- 1- Pesquisadores do centro de saúde em epidemiologia do estado do Amapá - Macapá, Amapá, Brasil.

**Dados da publicação:** Article received on February 10, revised on February 26, accepted for publication on March 9 and published on April 29.

**DOI:** <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2020v2n4p39-50>



Pedro Lemos [pedrolemos@gmail.com](mailto:pedrolemos@gmail.com)



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



## **INTRODUCTION**

O século XX sofreu o colapso de 1929 em Wall Street e o choque do preço do petróleo em 1973, além de inúmeras crises regionais no leste da Ásia, na antiga União Soviética e na América Latina. Os primeiros anos do século XXI viram a crise financeira global iniciada em 2007. Cada uma dessas crises foi estudada em detalhes e, embora economistas e políticos possam discordar sobre como responder, geralmente refletindo sua perspectiva ideológica, há pelo menos uma variedade de medidas que eles podem selecionar.

Aqueles que estudam crises econômicas há muito recorrem a analogias biológicas, baseando-se especialmente na ideia de 'contágio' [1], usada inicialmente para explicar a disseminação de falhas bancárias na década de 1920 [2]. John Maynard Keynes, baseado em filósofos anteriores, falou da confiança no mercado como "espíritos animais". [3]

No entanto, esses conceitos estavam sendo aplicados às ações das pessoas, ações que poderiam ser influenciadas por declarações e ações de políticos, para melhor ou para pior. Eles ainda têm algum valor. Um tweet tarde da noite do presidente dos EUA, Trump, pode levar os mercados financeiros à queda livre [4]. No entanto, esses conceitos não influenciam um vírus - que não segue o presidente dos EUA no Twitter.

Há pouco mais de uma década, os governos realizaram experimentos em larga escala em suas populações. Cada um deles decidiu se deveria ou não adotar medidas de austeridade após a crise financeira global [5]. A consequência foi que muitos de seus cidadãos que antes se sentiam seguros encontravam vidas extremamente precárias. Cada vez mais, eles se encontravam vivendo mês a mês, enfrentando insegurança no emprego, renda, moradia e até alimentação [6].

Países como Grécia, Itália, Espanha e, depois de 2010, o Reino Unido que optaram por implementar medidas de austeridade ou que essas medidas lhes foram impostas, ou que sofreram perda de indústrias tradicionais, sofreram uma piora na saúde, que geralmente assumia a forma do que seriam denominadas "doenças do desespero" [7], como mortes e suicídios relacionados ao álcool e às drogas. Estima-se que 10.000 suicídios adicionais ocorreram após a crise financeira global de 2007 [8]. No Reino Unido, onde os bancos de alimentos eram virtualmente um conceito estrangeiro, houve um aumento maciço de pessoas que buscavam apoio alimentar de emergência, particularmente nas áreas atingidas pela austeridade [9]. Em vários países, especialmente nos EUA e no Reino Unido, a melhoria a longo prazo na expectativa de vida foi interrompida [10-11].



Isso também teve consequências políticas. Muitos dos que vivem nas áreas mais afetadas abandonaram antigas alianças para votar em causas populistas, o que levou a políticas que os prejudicariam ainda mais [12 · 13].

No entanto, isso não aconteceu em todos os lugares. Alguns governos, como os da Alemanha, Holanda e, antes das eleições gerais de 2010, o Reino Unido, rejeitaram a austeridade e procuraram estimular a economia, muitas vezes acompanhada de medidas para proteger os mais vulneráveis, como aqueles que estavam bem estabelecidos no país. Países escandinavos. Assim, enquanto em muitos países europeus o aumento de suicídios aumentou paralelamente à perda de empregos, em alguns o vínculo foi quebrado. Esses foram os países que procuraram dar esperança ao seu povo - por exemplo, com políticas para ajudá-lo a voltar ao trabalho, caso perdessem o emprego ou para protegê-lo de ficar sem casa [14] .

### **Uma crise econômica seguirá esse surto**

Hoje, os políticos devem fazer escolhas difíceis, embora com informações imperfeitas. As medidas necessárias para conter o vírus, incluindo o auto-isolamento de trabalhadores e consumidores, o fechamento de fábricas e lojas e a proibição de atividades esportivas e de entretenimento, cobram seu preço. Os políticos estão recorrendo a especialistas em saúde pública para ajudá-los nessa crise, exemplificados pela aparição de Anthony Fauci ao lado do presidente dos EUA Trump, ou o primeiro-ministro britânico Boris Johnson sendo flanqueado pelo diretor médico do Reino Unido e pelo consultor científico chefe. Pelo menos no Reino Unido, com um governo cujos ministros apenas recentemente proclamaram que o povo britânico "tinha o suficiente de especialistas" [15] , isso é uma grande mudança.

O problema é que os conselhos que esses especialistas estão dando representam uma ameaça imediata à economia. Isso importa. O próprio declínio econômico tem um efeito adverso na saúde. A redução da atividade econômica reduz a circulação de dinheiro e, com ela, as receitas tributárias. Isso reduz as finanças disponíveis para as contramedidas da saúde pública necessárias para controlar a pandemia. Também atinge indivíduos e famílias, que podem ver sua renda despencar catastróficamente. Uma vez esgotadas suas reservas financeiras, as empresas fecham, com consequências para seus proprietários, funcionários e fornecedores.

Na China, onde o COVID-19 ocorreu pela primeira vez, a produção industrial caiu cerca de 13,5% e as vendas de varejo com ajuste sazonal caíram 21%. Alguns setores



entraram em colapso quase completamente. As vendas de carros caíram 92% e as de restaurantes caíram ~ 95%. O Goldman Sachs previu que a economia dos EUA poderia encolher 24% no segundo trimestre de 2020, mais do que o dobro de qualquer declínio já registrado [16] .

É importante observar que é provável que um surto que exija distanciamento social e quarentena para controle se desenvolva de maneira muito diferente em um ambiente em que há uma força de trabalho com acesso a cuidados de saúde gratuitos e proteção à renda do que naqueles em que muitos empregos são ocasionais e pessoas deve optar por ir trabalhar quando estiver doente ou morrer de fome.

A economia global cada vez mais integrada aumenta a fragilidade dessa situação. Um fabricante de ventiladores em Sheffield, Detroit ou Dusseldorf pode depender de suprimentos especializados de Xangai, Manila e Kuala Lumpur. Se algum deles não conseguir entregar seus produtos, todo o processo poderá entrar em colapso. Além disso, como em qualquer sistema complexo, o que acontece pode depender criticamente das condições de partida.

A avaliação da escala do dano econômico fica mais difícil porque ninguém sabe quanto tempo durarão as restrições às atividades. A economia atua como um sistema adaptativo complexo. Assim, inclui um certo grau de resiliência, recuperando-se de um choque. No entanto, em algum momento, os mecanismos compensatórios quebram. Quando uma empresa fecha, ela nunca pode reabrir. O trabalho qualificado de que depende pode ser perdido. No entanto, há muita incerteza neste surto. Os modelos sugerem que a pandemia pode durar alguns meses ou até um ano em muitos países. Pode haver uma onda ou uma série de ondas da pandemia [17] .

Mesmo que a escala e a natureza da pandemia e da desaceleração econômica associada sejam difíceis de quantificar, há poucas dúvidas de que existe um risco real de uma espiral descendente viciosa de doenças e empobrecimento. A pesquisa e o desenvolvimento que poderiam ter sido realizados podem ter sido adiados. A educação que pode ter sido concluída pode ter sido interrompida. Investimentos que poderiam ter sido feitos podem ter sido retidos. E muitas pessoas tiveram suas vidas mudadas para sempre, muitas vezes para pior.

### **Como proteger a economia?**



O que pode ser aprendido com essa experiência? Como evitar o retorno das piores consequências da crise financeira global? Medidas comumente usadas por governos e bancos centrais, como redução das taxas de juros ou implementação de estímulos fiscais, têm apenas efeito limitado. No máximo, eles podem atenuar os efeitos. Aqui, propomos três conjuntos de medidas que, acreditamos, podem ajudar as sociedades a se recuperarem quando essa pandemia terminar.

### **Salve vidas**

Essa é a primeira e mais óbvia prioridade. A propagação do vírus causador deve ser contida e as mortes associadas a ele devem ser reduzidas o mais rápido possível. A escala das medidas adotadas para alcançar essa contenção influenciará o estágio da pandemia e a capacidade de intervenção, em particular se os profissionais de saúde e as instalações de laboratório estão disponíveis para responder ao aumento da carga de trabalho. Agora não é hora de gastar muito - os ministérios das finanças e as agências doadoras precisam reconhecer que isso exigirá financiamento adicional, obtido de reservas ou de empréstimos. Fundamentalmente, aqueles que planejam essas medidas preventivas de saúde pública devem reconhecer que haverá efeitos diretos e indiretos na saúde, afetando, em particular, os que vivem sozinhos, os idosos ou os portadores de doença mental, ou aqueles sem-teto ou em instituições como casas de repouso, prisões e centros de detenção de migrantes. É importante ressaltar que um novo estudo da pandemia de gripe de 1918 constatou que nas 43 cidades dos EUA estudadas, as que impuseram restrições às interações sociais mais cedo e as mantiveram por mais tempo experimentaram uma recuperação subsequente mais forte[18]. Portanto, os autores rejeitam a ideia de uma troca entre medidas estritas de saúde pública e danos econômicos.

### **Proteja o risco financeiro, agora**

Como há um colapso na demanda na economia, a responsabilidade de proteger o risco financeiro deve recair sobre os governos. Assim como os governos aceitam que precisam encontrar dinheiro adicional em tempos de guerra, devem se unir contra esse inimigo comum - um microorganismo, e não uma potência estrangeira - porque a ameaça à sua população não é menor. Políticos em muitos países responderam ao



desafio, muitas vezes jogando regras fiscais há muito estabelecidas pela janela [19]. O pacote de US \$ 2 trilhões promulgado nos EUA é sem precedentes, mas muitos países europeus, incluindo o Reino Unido, França e Dinamarca, se comprometeram a pagar uma grande proporção do salário daqueles que correm o risco de perder o emprego. Isso é essencial para evitar danos permanentes e impedir que uma recessão se transforme em uma depressão total. As preocupações com altos níveis de dívida do governo que foram usadas para justificar a austeridade há uma década [20] foram deixadas de lado.

### **Prepare-se para a recuperação**

Isso significa garantir o futuro das empresas, particularmente das pequenas e médias empresas que desempenham um papel tão importante na economia, para que estejam prontas para atender à demanda que um dia retornará. Nos tempos pré-industriais, as economias simplesmente precisavam de uma grande oferta de mão-de-obra.

A economia moderna do conhecimento, tanto em manufatura quanto em serviços, depende de uma força de trabalho altamente qualificada e frequentemente especializada. Quando essas habilidades são perdidas - por exemplo, porque aqueles que atingiram a meia-idade, que provavelmente não retornam à força de trabalho, são forçados a redundância -, a recuperação pode ser quase impossível.

Isso requer medidas para fornecer às empresas linhas de vida financeiras, como os empréstimos sem juros que estão sendo concedidos por alguns governos, bem como aqueles que reduzem os custos que caem sobre as empresas. Exemplos disso incluem adiamento de pagamentos de impostos, juros de empréstimos e contas de serviços públicos e apoio financeiro para permitir que os funcionários sejam beneficiados [21].

Essa proteção também deve atender àqueles que procuram se beneficiar de uma crise. Ao longo da história, as crises incentivaram o surgimento de aproveitadores [22]. Nesse surto, já houve muitos relatos de marcações substanciais em produtos como desinfetantes para as mãos e equipamentos de proteção. Outros que exploram uma crise incluem credores que aumentam as taxas de juros. Esses fenômenos apontam para a importância dos controles governamentais sobre os preços. Outro grupo que pode se beneficiar é outros especuladores nos mercados financeiros. Algumas pessoas já obtiveram lucros enormes com essa pandemia, que em alguns casos levou a perguntas sobre conhecimento interno. No entanto, é importante



lembrar que seus lucros são perdas de outras pessoas e, com frequência, os fundos de pensão de alguns dos mais pobres da sociedade são os mais atingidos.

Depois, há aqueles que aparecerão depois da pandemia, assim como os saqueadores de tapetes no final da Guerra Civil dos EUA, aproveitando aqueles que estão desesperados por dinheiro e não têm opção a não ser vender seus negócios. Uma empresa líder em private equity já explicou como "Durante e após esta crise, as empresas [private equity] terão oportunidades únicas de investir", aproveitando as empresas incapazes de pagar suas dívidas [23].

Por fim, como descrito por Naomi Klein em seu livro *The Shock Doctrine* [24], existe o perigo de os políticos, frequentemente ligados a poderosos interesses pessoais, usarem uma crise para minar as proteções trabalhistas, de saúde e ambientais, com consequências a longo prazo para a saúde. Isso parece já estar acontecendo nos EUA, com importantes regulamentações ambientais sendo revogadas [25].

### **Aprendendo agora com os erros**

Embora exista uma necessidade imediata de responder à crise em curso, o contexto político e econômico que levou o mundo aqui não deve ser ignorado. Uma das razões pelas quais a pandemia do COVID-19 terá e já teve um impacto econômico tão sério é que os países organizaram suas sociedades de maneira a torná-las extremamente vulneráveis. Eles criaram uma estrutura de recompensa que beneficia uma elite cada vez mais pequena e seleta, enquanto desvaloriza aqueles de quem eles dependem para mantê-los seguros [26].

Por quatro décadas, muitos países enfraqueceram o trabalho organizado e criaram uma força de trabalho cada vez maior em contratos inseguros, o que deixou muitos de seus cidadãos sem ideia de quanto ganharão semana a semana. Em alguns países, como os EUA, muitas pessoas têm acesso apenas ao essencial mais básico, incluindo cuidados de saúde. É importante reconhecer que, embora aqueles com renda segura possam se auto-isolar se ficarem doentes, aqueles com contratos de 'hora zero' devem escolher entre comer e proteger os outros. Como consequência, mesmo as sociedades mais ricas são tão fortes quanto seus membros mais fracos. Portanto, talvez não seja surpreendente que alguns políticos, que naturalmente não veem seus interesses alinhados com as piores condições, estejam reconhecendo essa interdependência [19]. Aqueles que realizam trabalhos que apenas alguns meses atrás





levariam à rejeição de seus pedidos de visto, já que aqueles que realizam trabalho não qualificado agora são vistos como essenciais.

É impossível prever o futuro. No entanto, a percepção de que alguém pode ser infectado com o coronavírus que causa o COVID-19, seja o primeiro-ministro do Reino Unido ou um herdeiro do trono, é um lembrete da vulnerabilidade compartilhada por seres humanos. Isso é paralelo ao período após a Segunda Guerra Mundial, quando uma geração viu que alguém poderia ser vítima de uma bomba em queda. Em toda a Europa Ocidental, aqueles que sobreviveram à guerra criaram estados de bem-estar social que não buscavam a igualdade completa, mas, em vez disso, asseguravam que o que quer que os acontecesse estaria seguro. Ao fazer as suas escolhas políticas, eles se comportaram como se estivessem por trás do que o filósofo John Rawls descrito como um véu de ignorância, sem o conhecimento de sua posição no outro lado [27]. Como argumentaram o economista político Alberto Alesina e outros, esse nunca foi o caso nos EUA, onde você sempre saberia se era preto ou branco [28]. Em uma pandemia, assim como durante uma guerra mundial, todos em seu caminho, ricos ou pobres, são suscetíveis e ninguém pode se sentir seguro. Isso deve oferecer alguma esperança para uma sociedade mais justa, mais segura e mais segura.

No entanto, é necessário cuidado. Alguns políticos tentaram armar a pandemia, retratando a ameaça como uma farsa ou um exagero por parte daqueles que tentavam atacá-los [29]. Isso parece ter sido eficaz. Os dados da pesquisa de cada estado dos EUA, desagregados por lealdade política, mostram uma clara lacuna entre democratas e republicanos na medida em que o COVID-19 é visto como uma ameaça [30]. Ainda mais preocupante é como as epidemias costumam fazer as pessoas olharem para os outros que eles podem culpar. A Peste Negra na Europa foi acompanhada por pogroms generalizados, com judeus sendo acusados de envenenar poços [31]. O presidente dos EUA, Trump, se refere repetidamente ao 'vírus chinês', e os políticos do Reino Unido, se não tão descaradamente, também apontaram o dedo para a China [32]. No entanto, em um sinal de esperança, também há evidências de que a grande lacuna entre as áreas de votação republicana e democrata nas pesquisas on-line por 'desinfetante para as mãos' diminuiu.

O mundo está em uma encruzilhada. A pandemia do COVID-19 poderia incentivar as pessoas a perceberem que todas elas dependem uma da outra neste pequeno planeta e, seja aquecimento global, desigualdade ou degradação ambiental, nadam ou afundam juntas. Por outro lado, os políticos populistas e os interesses adquiridos que os apoiam, especialmente na mídia de massa, poderiam usar essa crise para semear divisões, criando divisões entre jovens e velhos, ricos e pobres, doentes e saudáveis,



minorias étnicas e maiorias populacionais. Imigrantes e grupos domésticos, enfraquecendo os laços coletivos e apoiando bens públicos essenciais [33].

Aqui pode ser útil lembrar como, antes da Primeira Guerra Mundial, as mulheres no local de trabalho eram grosseiramente subvalorizadas. Embora eles tivessem que lutar por isso, a contribuição que deram foi eventualmente reconhecida na extensão da franquia em vários países. Da mesma forma, o despertar da Grande Depressão, durante o qual tanto os ricos quanto os pobres perderam suas apostas, levou ao New Deal, incluindo o Social Security, que fundou as origens das redes e pensões americanas de segurança social.

Será que a sociedade finalmente reconhecerá o valor contribuído por aqueles cujo trabalho é tantas vezes invisível? A pandemia do COVID-19 pode ser um ponto de virada, restaurando a fé na ciência e aproximando as pessoas. No entanto, isso acontecerá apenas se as vozes de cientistas e profissionais de saúde forem ouvidas. Política e saúde sempre foram indissociáveis e sempre terão [34].

### **Conflitos de interesse**

Os autores declaram não haver conflitos de interesse com a publicação deste artigo.

## **REFERENCES**

1. Peckham, R. *Econ. Soc.* 42, 226-248 (2013).
2. Calomiris, CW & Mason, JR Contagion and bank failures during the Great Depression: June 1932 Chicago Banking Panic. Report nº 0898–2937 (National Bureau of Economic Research, 1994).
3. Keynes, JM *The General Theory of Employment, Interest, and Money* (Palgrave Macmillan, 2018).
4. Franck, T. CNBC <https://www.cnbc.com/2019/09/03/on-days-when-president-trump-tweets-a-lot-the-stock-market-falls-investment-bank-finds.html> (2019).
5. Reeves, A., McKee, M., Basu, S. and Stuckler, D. *Health Policy* 115, 1-8 (2014).
6. McKee, M., Reeves, A., Clair, A. and Stuckler, D. *Arch. Public Health* 75, 13 (2017).



7. Case, A. & Deaton, A. Brookings Pap. Econ. Law 2017, 397-476 (2017).
8. Reeves, A., McKee, M. and Stuckler, D. Br. J. Psychiatry 205, 246-247 (2014).
9. Loopstra, R. et al. Br. Med. J. 350, h1775 (2015).
10. Ho, JY & Hendi, AS Br. Med. J. 362, k2562 (2018).
11. Hiam, L., Harrison, D., McKee, M. & Dorling, D. J. Epidemiol. Health Community 72, 404-408 (2018).
12. Koltai, J., Varchetta, FM, McKee, M. and Stuckler, D. Am. J. Public Health 110, 401-406 (2020).
13. Bor, J. Am. J. Public Health 107, 1560-1562 (2017).
14. Stuckler, D., Basu, S., Suhrcke, M., Coutts, A. and McKee, M. Lancet 374, 315–323 (2009).
15. Mance, H. Financial Times <https://www.ft.com/content/3be49734-29cb-11e6-83e4-abc22d5d108c> (2016).
16. Reinicke, C. Markets Insider <https://markets.businessinsider.com/news/stocks/us-gdp-drop-record-2q-amid-coronavirus-recession-goldman-sachs-2020-3-1029018308> (2020) .
17. Enserink, M. & Kupferschmidt, K. Science 367, 1414-1415 (2020).
18. Correia, S., Luck, S. & Verner, E. SSRN <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3561560> (2020).
19. Rawsley, A. The Guardian <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/mar/22/coronavirus-crisis-ignites-bonfire-of-conservative-orthodoxies> (2020).
20. Cassidy, J. The New Yorker <https://www.newyorker.com/news/john-cassidy/the-reinhart-and-rogoff-controversy-a-summing-up> (2013).
21. Guerrieri, V., Lorenzoni, G., Straub, L. & Werning, I. <https://economics.mit.edu/files/19351> (2020).
22. Nordstrom, C. Shadows Of War: Violence, Power, and International Profiteering in the 21st Century Vol. 10 (University of California Press, 2004).



23. Dayen, D. The American Prospect <https://prospect.org/coronavirus/unsanitized-private-equity-licks-its-chops/> (2020)
24. Klein, N. The Shock Doctrine (Penguin Books, 2007).
25. Kaufman, AC & D'Angelo, C. HuffPost [https://www.huffingtonpost.co.uk/entry/trump-epa-coronavirus-environment-deregulation\\_n\\_5e7e3227c5b6cb9dc19f6728?ri18n=true](https://www.huffingtonpost.co.uk/entry/trump-epa-coronavirus-environment-deregulation_n_5e7e3227c5b6cb9dc19f6728?ri18n=true) (2020).
26. Piketty, T. Capital in the 21st century (Harvard University Press, 2014).
27. Rawls, J. A Theory of Justice (Harvard University Press, 2009).
28. Alesina, A., Glaeser, E. & Glaeser, EL Fighting Poverty in the USA and Europe: a World of Differences (Oxford University Press, 2004).
29. Phillips, T. The Guardian <https://www.theguardian.com/world/2020/mar/23/brazils-jair-bolsonaro-says-coronavirus-crisis-is-a-media-trick> (2020).
30. Badger, E. & Quealy, K. The New York Times <https://www.nytimes.com/interactive/2020/03/21/upshot/coronavirus-public-opinion.html> (2020).
31. Lupovitch, HN Jews and Judaism in World History (Routledge, 2009).
32. Proctor, K. The Guardian <https://www.theguardian.com/politics/2020/mar/29/michael-gove-appears-to-blame-china-over-lack-of-uk-coronavirus-testing> (2020).
33. Hobbes, T. Leviathan (Penguin, 1968).
34. Virchow, RC Am. J. Public Health 96, 2102-2105 (2006).